

Crescendo firme e forte

Estava novamente na hora de ouvir histórias, só que agora era meu filho quem contava

Por MARY E. POTTER

HÁ ALGUMAS semanas, escutei baques e barulho de algo sendo arrastado no andar de cima. Quando fui verificar, encontrei Robert, meu filho de 13 anos, empurrando a cômoda para outro lugar no quarto.

– Mas onde vão ficar seus livros? – indaguei.

– Bem ali, mãe – disse ele, apontando para o espaço atrás do corrimão da escada.

Era tão estreito que qualquer pessoa interessada em ver os livros teria de ficar na escada e escolher um deles entre os balaústres.

Percebendo a minha consternação, Robert se apressou a dizer:

– Tudo bem, mamãe. A maior parte desses livros eu já li há muito tempo.

Não falou o que estava implícito, mas eu sabia o que ele queria dizer: já havia ultrapassado aqueles livros.

Seria mesmo verdade? Parecia-me que havia pouco tínhamos feito uma inspeção nos seus livros e leva-

do pilhas deles para a grande arca no andar de baixo, onde eu vinha guardando, durante anos, as edições superadas (para os netos que gosto de imaginar). Levamos novos lotes para o quarto de Robert – descartados pelos irmãos mais velhos – a fim de preencher os vazios.

Postei-me na escada para ver os

títulos dos livros: o preferido de Robert era *A ilha do tesouro*, lido quatro vezes. Ele tinha razão – ultrapassara o nível emocional da maioria daqueles livros. Robert não está interessado em retroceder à infância. O que lhe interessa é o mundo que se abre à sua frente; sobretudo, o processo de tornar-se homem.

*Fazia semanas
que eu não lia
em voz alta
para meu filho.
Ele agora ficava
sozinho na hora
de dormir, com
os livros juvenis.*

Há várias semanas passo pelos livros ao subir e descer a escada, sabendo que tenho de guardá-los na arca; mas ainda não o fiz. Minha resistência brota da certeza de que esses foram os últimos livros infantis dados ao meu caçula. Quando os guardar, não haverá outros. É a mesma sensação de perda que expe-

rimentei no dia em que me dei conta de que fazia semanas que eu não lia em voz alta para Robert. Ele agora precisava desfrutar o próprio tempo e ficar sozinho, na hora de dormir, com seus livros juvenis.

Certa vez uma professora primária me disse que, quando os filhos afinal passaram da idade de querer que a mãe lesse para eles, ela sentiu tanta falta daquela atividade que foi ser professora só para reaver a platéia. Entendo o que ela sentiu.

O desejo de ler para crianças não provém da necessidade de se exibir nem do egoísmo de se aferrar a algo. É o desejo de disseminar uma história bem narrada; de comunicar as verdades da vida, da emoção, do espírito humano; de expandir a mente da criança; de estimular-lhe a imaginação e refinar seu senso de humor. E, como esse processo é uma experiência partilhada, une leitor e ouvinte.

A única recompensa necessária

àquele que lê é ver as sementes criando raízes.

Logo guardarei os livros. Aquela ponta de tristeza já está superada pelo prazer de ver Robert avançar para livros mais maduros, idéias mais complexas.

Certa noite, quando entrei em seu quarto com uma pilha de roupa lavada, ele pôs de lado *Ratos e homens*, de John Steinbeck.

— Terminei — disse ele, com aquela pontinha de pesar que todos sentimos no momento em que acabamos de ler um bom livro. — É tão triste — acrescentou, com pena, e começou a me contar a história do simplório personagem Lennie e de suas esperanças.

Por alguns minutos, era novamente hora de ouvir histórias, só que dessa vez Robert contava e eu ouvia — um momento partilhado. As sementes que eu plantara, noite após noite, não haviam apenas criado raízes: estavam crescendo, firmes e fortes.

© 1995, MARY E. POTTER. BERKSHIRE EAGLE (7 DE FEVEREIRO DE 1995), 75 S. CHURCH ST., PITTSFIELD, MASS. 01202

DOUTORA ERRADA



Eu estava descansando em casa, muito gripado, quando o telefone tocou. Era minha filha, aluna do segundo ano da Faculdade de Veterinária. Depois que falei alguma coisa, ela me interrompeu:

— Pai, que voz horrível. Consultou o médico?

Admiti que não, pois achava que aquilo não ia durar para sempre.

— Você não entende que pode ter uma pneumonia e ficar com uma cicatriz nos pulmões? — censurou ela.

— Você acha mesmo? — perguntei, prestando atenção.

— Não sei, não sou médica — retrucou ela —, mas era o que eu lhe diria, se você fosse cavalo.

—MARK BARRY, *Canadá*

“ Entre Aspas ”

Se a velhice tem alguma coisa abençoada é permitir essas amizades realmente isentas de malícia. Sentimento tranqüilo, sem ciúme. Mas ainda assim com uma delicadeza toda especial, com um sabor lírico muito leve.

—RUBEM BRAGA, *Um cartão de Paris* (Editora Record)

Não confiar no amor da pessoa amada equivale a não confiar em nosso valor como objetos do amor.

—MARINA COLASANTI,
E por falar em amor (Editora Rocco)

Não é preciso seguir o conselho de alguém para deixá-lo feliz — basta pedi-lo.

—LAURENCE J. PETER,
Peter's Almanac (Morrow)

O medo pode manter-nos acordados a noite toda, mas a fé sempre é um bom travesseiro.

—PHILIP GULLEY,
Home town tales (Multnomah)

Se você de fato leva a sério a preparação de seu filho para o futuro, não lhe ensine a subtrair — ensine a deduzir.

—FRAN LEBOWTIZ,
Social studies (Random House)

**Ninguém que tenha
pressa é realmente
civilizado.**

—WILL DURANT

**Quem tem atitudes
rígidas tem maior
dificuldade em
sorrir.**

—JUDITH GUEST,
Ordinary people (Viking Penguin)

Os sonhos são extremamente importantes. Não os conseguimos se não os imaginamos.

—GEORGE LUCAS

A paz não tem fronteiras.

—YITZHAK RABIN

As oportunidades são como o nascer do sol: se você esperar demais, vai perdê-las.

—WILLIAM ARTHUR WARD

A maior proeza que você pode realizar é surpreender-se.

—STEVE MARTIN

A lição mais importante que se pode aprender quando se vence é que se pode.

—DAVE WEINBAUM em *Forbes*